

## **Fichamento Expresso**

SULTANA, Farhana. Critical climate justice. *The Geographical Journal*, [S.L.], v. 188, n. 1, p. 118-124, 2 nov. 2021. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/geoj.12417>.

**Aluno:** Marcos Tavares de Arruda Filho **Data:** 12/09/2022

**Título do artigo:** Critical Climate Justice

**Autora:** Farhana Sultana, Doutora em Geografia pela University of Minnesota: Minneapolis, EUA, Professora no Departamento de Geografia da Syracuse University, Nova Iorque, EUA, trabalhando com a temática de Governança da Água e Impactos sociais das mudanças climáticas.

**Ideias centrais do artigo:**

1ª parte: Introdução (§§ 1-3)

A autora faz um paralelo da abordagem da pandemia da COVID-19 com as mudanças climáticas, trazendo a importância dada à temática durante o período de breakdown e o avançar da conscientização pública global durante o mesmo período. Pontua o significado de justiça climática como uma forma de observar os impactos das mudanças climáticas às pessoas de forma diferenciada e com a inserção de grupos marginalizados e excluídos em processos de adaptação e mitigação. Por fim, relata a relação do colonialismo, capitalismo e globalização com a temática discutida e a construção de uma práxis de solidariedade, ligadas a percepções interseccionais e transnacionais feministas.

2ª parte: Práxis Crítica de Justiça Climática (§§ 4-8)

Nesse trecho a autora fala sobre a construção da práxis em justiça climática, levando em conta as necessidades de mudança do sistema, que produz as injustiças climáticas, e as teorias acadêmicas (feministas, anti-racistas, anti-capitalista, pós-colonial e decolonial) em sua construção. Há a ênfase na importância também dos movimentos sociais, na distribuição espacial das injustiças climáticas (com discrepâncias entre norte e sul globais) e na abordagem interseccional delas.

3ª parte: Feminismo para o avanço da Justiça Climática Crítica (§§ 9-11)

A autora destaca a importância da igualdade de gênero para que exista uma justiça climática efetiva, uma vez que as mulheres são a maioria à frente do movimento, e a luta feminista é contra o patriarcado capitalista, motivador de injustiças climáticas. A maior parte das comunidades vulneráveis é gênero interseccional e a abordagem feminista traz consigo uma perspectiva de justiça para além de uma ação exclusivamente técnico-gerencial.

4ª parte: Seguindo em frente (§§ 12-15)

A autora destaca a importância da perspectiva feminista na redistribuição de poder para diminuir a produção de injustiças climáticas, sendo necessária a integração do local e do internacional e uma aliança entre países do norte e do sul global para tal. No entanto, tal aliança não deve ter finalidade filantrópica e sim um

5ª parte: Conclusões (§§ 16-18)

A autora conclui que a justiça climática crítica está relacionada tanto com o desenvolvimento, democracia e cidadania quanto com política internacional, geografia e história. As relações de poder devem agora enxergar populações marginalizadas e integrá-las, com os tomadores de decisão devendo prestar atenção às questões de raça, gênero, classes, entre outros. A práxis da justiça climática engloba a perspectiva feminista e que não existe uma solução universal, devendo cada caso ter ações e políticas próprias.

### **Metodologia e Teoria utilizada:**

Texto dissertativo-argumentativo sobre a temática discutida.

### **Conclusões da autora:**

- Justiça climática crítica é uma questão ética;
- As relações de poder devem inserir populações historicamente marginalizadas e excluídas;
- A perspectiva feminista contribui para a construção da práxis da justiça climática;

- Não existe uma justiça climática única que atenda a todos, devendo esta ser adaptada a cada caso;

### **Citações:**

“Climate justice fundamentally is about paying attention to how climate change impacts people differently, unevenly, and disproportionately, as well as redressing the resultant injustices in fair and equitable ways.” p. 1

“A critical climate justice perspective investigates how and why different groups of people face inequities in different ways from climate change, integrating insights from a range of academic theories (such as feminist, anti-racist, anti-capitalist, post-colonial, decolonial scholarship), as well as insights from activist movements for climate justice, in order to foster praxis of solidarity and collective action.” p. 2

“Considering intersectional gender, race, class, and Indigenous aspects of climate justice can help ensure interventions are equitable and contextually appropriate.” p. 3

“Spatial intersectionality across the global North and South, and scalar intersections of race and Indigeneity, are essential aspects of feminist climate justice.” p.4

“Paying attention to various power relations in any context is central to fine-tuning and addressing the inequalities, marginalizations, and vulnerabilities reinforced through disruptive climate patterns and socio ecological changes across scales and sites.” p.5